

O que os diplomatas pensam da Capital

"A atividade de um diplomata é muito intensa, por isso Brasília, melhor que qualquer capital do mundo, cumpre bem seu papel de abrigá-los". Essa é a opinião da maioria dos diplomatas acreditados no Brasil, frequentemente acusados de não amarem a capital da República, por ser "desprovida de encantos naturais, muito isolada, intensamente fria e sem vida noturna".

Colhendo opiniões de variados diplomatas aqui sediados, o *Jornal de Brasília* ouviu, entre outras confidências, que o maior problema da cidade é sua vida cultural.

Entre as denúncias dos distanciamentos que a cidade mantém da cultura, um foi mais repetido pelos estrangeiros: o Teatro Nacional. Segundo o embaixador do Iraque, Zeid Haider, "Brasília é uma realidade e precisa, portanto, oferecer ao estrangeiro uma vida social melhor. E sem um bom teatro, onde se possa assistir a bons concertos, isto é quase impossível".

CLUBES

Outra queixa contra a cidade, apresentada não só pelo embaixador do Iraque, é o "da dificuldade de acesso aos clubes de Brasília". Zeid Haider disse ser "constrangedor frequentar um clube e não poder convidar os amigos para irem juntos. Nesta cidade não é fácil entrar num clube sem ser associado, mas não é interessante comprar um título de um clube se não vamos nos demorar no Brasil, se nossa permanência aqui não tem prazo determinado. Enquanto isto, noutros países este problema inexiste porque todo diplomata tem acesso aos clubes sociais. E nós não nos negamos a pagar qualquer mensalidade: não gostamos é de ter que comprar ações sem saber o tempo que aqui vamos permanecer".

Para Zeid Haider, "se durante o dia Brasília é alegre e agradável, após às 19 horas, quando a totalidade dos clubes fecha, há que se improvisar uma diversão noturna. Durante o dia é fácil viver aqui, porque as pessoas são generosas, simples, amáveis, e a cidade tem o melhor clima do Brasil, desconhece poluição e oferece uma imensa claridade. Mas a questão é a vida social. A jovem cidade precisa modificar-se nisso".

SUGESTÃO

Aos diretores de clubes, ele apresentou uma sugestão para corrigir "esse problema de Brasília": deviam abrir aos diplomatas formas de associação restritas ao período em que eles se mantivessem na cidade. Ou então abrir as portas aos diplomatas, pelo menos em determinadas ocasiões como, por exemplo, só à noite. O diplomata que aqui vive não quer se isolar em casa. Brasília é agradável para habitar-se, mas os clubes precisam ajudá-la a se melhorar.

Zeid Haider combate os que acusam Brasília de ser uma cidade sem graça. "Tenho um filho de 21 anos que com dois meses de Brasília apaixonou-se pela cidade, conseguiu amigos e deixou-a levando saudades. Não é verdade que as pessoas não a amem. Ela tem todas as facilidades para se viver e se trabalhar. Aqui todos têm mais tempo. É uma *petite ville*, mas muito graciosa".

AMÁVEL

O embaixador da Áustria, Walder Magrutech, está desde fevereiro em Brasília e diz-se adaptado, "porque isto não é difícil, já que a cidade é muito amável". Ele só estranhou o clima seco do planalto central, mas junto com a família tem "conseguido divertir-se muito, porque, com piscina e jogos em casa, os clubes não fazem nenhuma falta".

Walder Magrutech afirmou, no entanto, que "não se pode comparar Brasília com Rio ou com São Paulo, mesmo porque a cidade tem características peculiares e, por sinal, muito atraentes". Ele admitiu, porém, que qualquer característica da cidade pouco o atingiria porque é "profundamente amigo de uma vida isolada". Daí porque a indicação para vir servir em Brasília constituiu para ele "uma agradável surpresa".

CALOR HUMANO

Supressa maior levou o diplomata ao perceber que Brasília "não é tão artificial e isolada quanto se espalha lá fora. Pensei que, chegando aqui, ia poder isolar-me, no entanto são constantes os convites para reuniões sociais. Foi surpreendente ver que o plano piloto já tem mais de 300 mil habitantes. Esta cidade pode ser desprovida de árvores, inclusive faltam muitas no Eixo e entre a pista que liga a Torre com o Congresso Nacional, mas calor humano aqui tem demais".

Para Walder Magrutech, Brasília, sem uma intensa vida noturna, cumpre muito bem o seu papel de capital do País. "Para quem é diplomata, uma vida intensa só é prejudicial. A vida diplomática já é intensa por si só. É verdade que na parte cultural Brasília ressente-se da falta de um

teatro e do pequeno número de concertos na escola de Música. Mas temos esperança na modificação deste seu aspecto. Estamos ansiosos para que isto ocorra logo".

PERIGOSA

O conselheiro Marian Wiecek, da embaixada da Polônia, ao recusar-se a apresentar suas impressões sobre Brasília, para onde veio "com prazer", depois de muita insistência negou que tentasse apenas "não magoar a jovem" e terminou informando que normas diplomáticas "impedem os estrangeiros de falarem mal das capitais onde servem".

— É uma cidade muito bonita e muito simples, que pode ser uma enganadora também. Na Polônia, Brasília é meio desconhecida; os comentários freqüentes são o de que o Brasil é um país exótico e famoso por suas mulheres. Seu potencial econômico e humano também é muito famoso, e afinal, muitos poloneses emigraram para cá no período da guerra e nos transmitem essas impressões. Eu sei muito bem que o Brasil é um país amável, mas quanto a Brasília, ainda não tenho uma classificação para ela.

AGRADÁVEL

O terceiro secretário da embaixada da República Popular da China, Hesiao Szu-Chin, que também achou "agradável a idéia de vir para Brasília", disse não se ter decepcionado com a cidade.

— É uma cidade humana, sossegada, sem poluição, ideal para trabalhar. Quanto a clubes, não temos o costume de frequentá-los e, além do mais, a embaixada dá boas condições para o descanso, dispondo de bons filmes e uma piscina.

O embaixador da República Popular da China, o primeiro a vir para o Brasil depois de restauradas as relações diplomáticas com aquele país, em maio de 1975, tem mais de 60 anos de idade e não chegou ainda a entender o idioma português. Por isto teatro e cinema não constituem seus interesses pessoais. Sua melhor diversão é conhecer os outros Estados do Brasil (já viajou a 14), e sua melhor distração é deter-se em Brasília para fazer suas leituras. Sua esposa, também diplomata, não reclama da vida cultural de Brasília. Principalmente porque não a conhece.

ENGRAÇADA

Já o segundo secretário da embaixada da Itália, Michele Valensise, afirma que está em Brasília "simplesmente porque pedi para vir". É o seu primeiro posto no estrangeiro, e quando lhe apresentaram a lista para escolha o intuito era partir para um país não-europeu. "Queria um país de mentalidade diferente, e observando a América do Sul, escolhi o Brasil, sem saber que sua capital é tão engraçada e diferente do que se diz no resto do mundo".

Sobre Brasília, ele diz: Diziam que era muito chata, muito funcional e completamente diferente do Rio e São Paulo. Aqui descobri que ela é engraçada e o lugar ideal para trabalhar. Não a acho fria e sem alma. Descobri-lhe exatamente o contrário e graças a seus habitantes — já tenho vários amigos —, aprendi a falar bem o português.

Com quatro meses em Brasília, Michele Valensise descobriu que a cidade "tem uma agradável vida noturna. Não é igual à de Roma, mas existe. Vou ao teatro, sou membro do Iate Clube, onde infelizmente tive de pagar uma cara jóia, e não sinto saudades da Europa. Para nós não faltam convites para festas em residências e a idéia que tenho é a que o brasiliense gosta muito de receber".

Sua maior queixa é a que os filhos novos, lançados no resto do Brasil, só chegam a Brasília depois de muito tempo. "Por que só os cariocas e paulistas têm direito a ver o filme antes?" Quantifico ao Teatro Nacional, a reclamação do funcionário italiano é mais ansiosa: "é preciso, urgente, que Brasília reabra as portas do seu teatro. Não que eu goste de ópera, mas o brasiliense precisa descobrir a necessidade dos concertos e da dramaturgia numa cidade".

DIFERENTE

"J'aime beaucoup Brasília". Assim o conselheiro de imprensa da embaixada da França, Michel Jolivet, procurou combater o boato de que Brasília seja mal-vista no exterior. "Como mal-vista se eu pedi para vir servir aqui?"

— E a solidão, tão denunciada?

— A solidão de uma cidade é muito relativa. Particularmente, garanto que não tenho problemas de claustrofobia. A cidade, devido à sua juventude, é intensamente agradável e tão doce que convida a um passeio. É realmente "très différent".